

**NOSCE TE IPSUM: O ESTUDO DO TIPO HIPÓDROMO E
O CASO DE PORTO ALEGRE**

Guilherme Rene Maia*

*Arquiteto, Mestrando do PROPAR - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRGS

Av. Paulista, 1745/1823 – CEP 01340 200 – São Paulo/SP

guilherme.maia@gmail.com

NOSCE TE IPSUM: O ESTUDO DO TIPO HIPÓDROMO E O CASO DE PORTO ALEGRE

Resumo:

O presente artigo trata do estudo dos tipos como prática interna da arquitetura que subsidia a aplicação de outras disciplinas, sugerindo que uma arquitetura que se propõe interdisciplinar deve ter como ponto de partida a própria arquitetura. Como caso, apresenta a análise da tipologia urbana hipódromo, seus desdobramentos e evolução; apoiada nos estudos específicos sobre o Hipódromo do Cristal, de Porto Alegre como forma de comprovação de suas indicações.

Nosce te ipsum: o estudo do tipo Hipódromo e o caso de Porto Alegre

Como qualquer campo do conhecimento, a arquitetura não está dissociada de outros saberes. No entanto, é característico dos arquitetos procurarem subsídios para sua prática profissional preferencialmente fora do seu campo de atuação. Não que este método seja danoso; é que a falta de conhecimentos básicos em arquitetura afeta diretamente a qualidade da produção e, conseqüentemente, dá motivos para a banalização e desvalorização do ofício. Além disso, por não entender qual necessidade e contexto respondem determinadas soluções arquitetônicas, seu solo nativo, os arquitetos não aproveitam o pleno potencial ou até fazem uso incorreto quando precisam incorporar outras disciplinas à sua prática. Acreditamos que entender bem uma arquitetura é primordial tanto para o avanço da disciplina quanto para a melhoria da vida urbana.

Um dos meios mais simples de se entender arquitetura é o estudo tipológico. Neste artigo mostramos uma breve introdução a esta modalidade de análise e sua aplicação no caso dos hipódromos, com atenção especial para o Hipódromo do Cristal, de Porto Alegre.

Largada

A afirmação de um tipo ocorre quando uma série de edifícios de qualidade indiscutível partilha entre si uma determinada analogia formal e/ou funcional. Através da comparação exaustiva destes diferentes exemplares, são selecionadas as características repetidas em todos os membros da serie e que podem ser consideradas como constantes do tipo.

O estudo tipológico procura encontrar soluções morfológicas de caráter universal e independente, buscando a coerência arquitetônica entre forma e função. Alguns autores consideram o tipo não como fruto da análise realizada a posteriori, mas como código que estrutura a produção dos espaços construídos, presente no processo artístico como racionalização da forma pertencente à cultura arquitetônica em particular; o que faz da tipologia uma das ferramentas do processo criativo. No trecho a seguir, Comas demonstra como a ligação do autor do Hipódromo de Porto Alegre, Román Fresnedo Siri com a composição tipológica:

(...)o objetivo é não só a composição correta, mas a caracterização apropriada. Nascido em 1903, Fresnedo faz obra de arquitetura moderna no sentido estrito da palavra, mas recebe educação de base acadêmica, e, como Lúcio Costa, era capaz de reconhecer que a rejeição da prática eclética não implicava necessariamente a rejeição de fundamento teórico.

Entretanto, o arquiteto não participa exclusivamente do processo de concepção de espaços construídos, mas também da preservação e documentação da obra edificada, bem como da renovação (ou revitalização, como querem alguns autores politicamente corretos), que é a mistura

das duas situações. Tendo em vista este panorama, o estudo tipológico também faz sentido se realizado após a criação de espaços como ferramenta para a preservação ou conversão dos mesmos.

O estudo de tipologias em Arquitetura remonta ao século XIX, quando a abordagem científica da disciplina - dada por autores como Durand, Semper, Violet-le-Duc, Ruskin - estabelece o conceito de tipo como estrutura atemporal, interna da forma arquitetônica e que se reflete em sentido amplo na articulação dos diferentes elementos espaciais. A ordem tipológica também incide nos elementos arquitetônicos constituintes, como colunas, pórticos, cúpulas, entre outros. Quatremère de Quincy diferencia tipo de modelo: enquanto o tipo é genérico, platônico, arquetípico, a obra modelar deve ser repetida em todas as suas partes com rigor, tal qual carimbo. O tipo pode ser alterado ao longo do tempo com a agregação ou subtração de elementos sem deixar de ser neutro; serve de substrato para a invenção, pois estabelece as pautas para o desenvolvimento de novos edifícios.

Giulio Carlo Argan define tipo como confirmação de um esquema, não como resposta a um questionamento prático, mas como redução de variações formais em uma estrutura comum. É a ideia geral de forma de um edifício, a qual suporta as mais diversas variações, dos elementos compositivos aos pormenores. Ainda segundo Argan, os tratados de arquitetura serviram como difusores do conceito de tipologia no Renascimento e pautaram o processo de criação durante aquele período. Embora confirmados por uma ideologia que suporta a criação de espaços (a necessidade de uma arena na Roma Antiga ou de um estádio de futebol nos dias de hoje) a funcionalidade do tipo transcende seu período histórico. A noção espacial transmitida pelo tipo serve como afirmação do método e da racionalidade conceitual. Ao partir do tipo, o artista está livre de juízos de valor anteriores dados pela imitação do passado como ocorre no modelo, deixando de comprometer a ação individual.

Estes fundamentos disciplinares estabelecidos nos últimos três séculos nos ajudarão, a seguir, a estudar o tipo hipódromo, aportando os conhecimentos necessários para tal fim: a análise a seguir não pretende estabelecer uma regra nem esgotar o tema, apenas levantar os aspectos genéricos, porém relevantes para o entendimento do *fenômeno* hipódromo.

As primeiras corridas de cavalos realizadas em pistas planas e fechadas, e, conseqüentemente, os primeiros hipódromos, são datados da Grécia antiga; da antiguidade, permanece o Hipódromo do monte Liceu, no Peloponeso. Os romanos difundiram as corridas por toda a Europa, o levando para a Inglaterra onde o esporte tomou seu impulso moderno, com a organização das corridas e o ordenamento do motor financeiro do Turfe – as apostas - por Henrique VIII. É desta época o tipo

hipódromo tal como o conhecemos, tendo a Chester Racecourse (inaugurada em 1539) como pista mais antiga ainda em atividade na Grã Bretanha. De lá o Turfe se difundiu para o resto da Europa e para a América, usando um mesmo equipamento básico composto de pista, vila hípica e área de público. Estes três elementos se agrupam em uma estrutura muito semelhante em todo o mundo ocidental, formando uma grande composição, geralmente encarada como “enclave verde” em meio a áreas urbanizadas com as mais diversas densidades¹.

Sprint

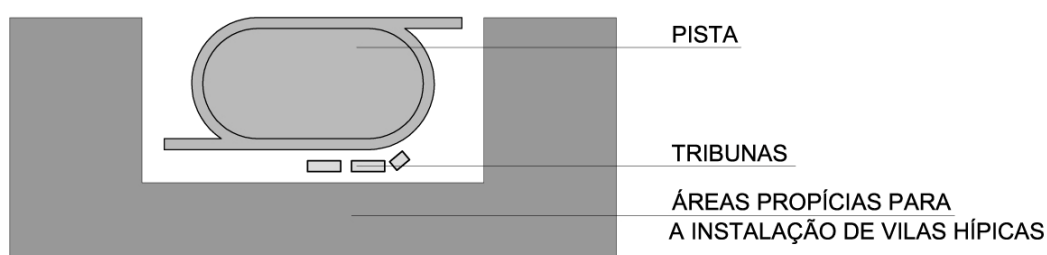


FIG. 1 – esquema básico de um hipódromo

A pista de corrida pode ser de areia ou grama; na maioria das vezes, os hipódromos contam com as duas, arranjadas de forma concêntrica. O traçado é oblongo, formada pelo arranjo de duas curvas e duas retas, que não precisam necessariamente ser do mesmo comprimento. Os animais utilizados em corridas recebem pouquíssima doma e adotam comportamento de manada; a velocidade atingida é muito grande e o controle do jóquei sobre o cavalo é muito pequeno: por esses motivos, as pistas são convergentes e não contam com variações no sentido das curvas (chicanas). Realizadas em somente uma direção, as largadas podem ocorrer de qualquer ponto da pista, embora concluídas em somente um local, permitindo assim provas de diferentes comprimentos. Alguns hipódromos contam ainda com retas tangentes às curvas, utilizadas somente como ponto de partida. Todo o percurso deve ser visível a partir das tribunas, o que impede o uso da parte central da pista com construções ou sua ocupação com vegetação arbórea. A pista deve ser facilmente acessível para os conjuntos tanto da Vila Hípica quanto da área de público.

A Vila Hípica agrega basicamente as funções de serviço do Jockey. São compostas basicamente de áreas para a guarda de cavalos, clínicas, banhos, treinamento de cavaleiros e animais, picadeiros, selarias, além das residências de funcionários do clube, como jóqueis e tratadores. Formalmente, as vilas hípicas são compostas de prédios baixos, de no máximo dois pavimentos, como blocos de casas em fita. Os espaços intermediários em geral são bastante arborizados, com um ar campestre reforçado pela pavimentação em areia, própria para o trânsito dos animais. Sobre a vila hípica de Porto Alegre, Comas afirma:

(...)As cavalariças e as casas de cavalariços se estruturam em barras paralelas seriais como num "siedlungen" dos anos 1920. Aliados a um sistema viário que tem por referência última as alamedas radiais do campo de caça, os equipamentos da vila hípica são edifícios discretos dentro de quadra verde(...)

Atualmente, as vilas hípicas abrigam poucos animais que participam de páreos e mais animais destinados a outras atividades esportivas, de pequenos proprietários que tem nos Jockeys Clubs seus "pequenos haras urbanos de aluguel". Com a evolução dos transportes, o acirramento das disputas e os elevados custos para manter um animal na vila hípica é mais vantajoso para o grande criador manter seus animais no haras, onde a infraestrutura e a segurança contra sabotagens são maiores. Desta forma, os animais são transportados somente no dia da corrida, permanecendo na vila hípica apenas as horas necessárias para garantir o descanso após os páreos.

As áreas de atendimento ao público são compostas basicamente de tribunas e casas de apostas externas. As tribunas oferecem arquibancadas cobertas para os entusiastas acompanharem sentados e pistas planas para acompanhar de pé os páreos; nas pistas planas o observador está o mais próximo possível da pista de corrida. As tribunas também estão servidas com uma série de facilidades associadas, tais como bancas de apostas, restaurantes, cafés e espaços de convívio. Para permitir as apostas fora do período em que estão sendo realizados páreos (quando as tribunas devem estar fechadas ao público), os hipódromos contam com casas de apostas externas. Além disso, também fazem parte do conjunto de atendimento ao público espaços para o desfile dos animais competidores (rinck) e áreas destinadas ao leilão de animais (tattersall).

O arranjo entre pista e tribunas é sempre o mesmo nos hipódromos estudados. O local com vista mais nobre no hipódromo é a linha de chegada, região onde a corrida é definida. A linha de chegada fica ao final de uma das retas e início de uma curva, ponto onde a velocidade dos conjuntos atinge seu máximo antes de decair. Perpendicular à linha de chegada está localizada a tribuna especial ou social. Esta tribuna é dedicada a autoridades, sócios do Jockey e seus convidados. Se considerarmos pistas de corrida no sentido anti-horário (ou american style), a direita do pavilhão social fica o pavilhão de profissionais ou paddock, destinado à imprensa, jóqueis e treinadores. Este prédio também é perpendicular à linha de chegada. Localizadas a esquerda da linha de chegada estão as tribunas conhecidas como populares, dedicadas aos demais apreciadores do esporte não associados ao Jockey Club. Geralmente trazem os mesmos equipamentos da tribuna social de forma simplificada ou reduzida. Estes três prédios de mesma função, mas hierarquias diferentes sempre se apresentam em série, da esquerda para a direita em pistas de sentido anti-horário e da direita para a esquerda em pistas de sentido horário: demais tribunas (não sócios), tribuna especial (sócios e autoridades) e paddock (profissionais).

Volumetricamente, as tribunas podem se apresentar contínuas, com os diversos setores contíguos no mesmo prédio ou com os diversos setores separados em prédios distintos. Na configuração em barra contínua reta, a linha de chegada forma bissetriz com o eixo do paddock e o eixo da tribuna social, formando ângulo com a reta de chegada. Na configuração em barra contínua dobrada, o eixo da tribuna social forma ângulo com a linha de chegada, aqui se sobreposta ao eixo da tribuna social, paralela à reta de chegada. A outra configuração possível separa em os setores em tribunas, como se partisse com faca a barra continua, mas deixando intacta a série estabelecida. Por vezes, a posição do paddock determina o alinhamento dos demais prédios.



FIG. 2 – Inauguração do Hipódromo do Cristal, Porto Alegre/RS.

Fonte: Arquiteturas cisplatinas : Roman Fresnedo Siri e Eladio Dieste em Porto Alegre. Porto Alegre : UniRitter, 2004

É no arranjo destes edifícios que se demonstra claramente o tipo: a estrutura formal é a mesma em todos os hipódromos estudados, dada pelo posicionamento das tribunas em relação à pista. É possível afirmar que o hipódromo constitui um tipo e não um modelo, pois a resposta a um mesmo questionamento é dada com a mesma estrutura neutra, sem deixar de atender a diferentes aspirações e sem impedir que o arquiteto tenha a responsabilidade por escolher determinadas soluções estéticas e funcionais.

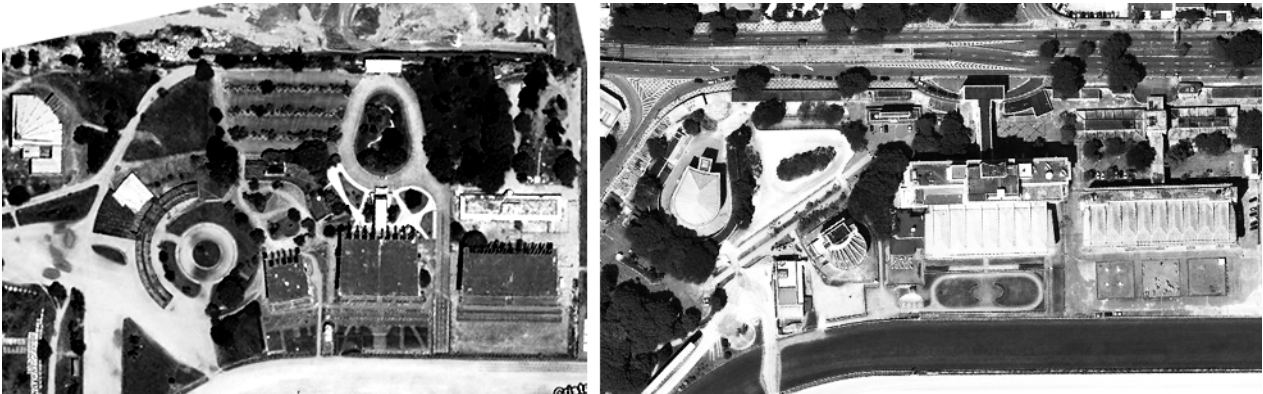


FIG. 3 – Esq.: Foto aérea do Hipódromo do Cristal, Porto Alegre/RS.

Dir.: Foto aérea do Hipódromo Cidade Jardim, São Paulo/SP

Fonte: Google Earth, consultado em 27/02/2011

Além desses aspectos, predomina na concepção dos hipódromos a ideia de parque que abarca o projeto não só dos edifícios, mas também dos espaços abertos, tal Versalhes e não como fragmento domesticado de floresta próximo da cidade (à época de constituição de quase todos os estados). Sobre esse ponto de vista, Comas reflete sobre o conjunto de Porto Alegre:

O projeto de Fresnedo é uma grande composição que aperfeiçoa o tipo hipódromo. A posse do terreno é completa e coordenada. A integração entre a vila e o conjunto esportivo é impecável e inovadora, garantida por dispositivos que incluem a continuidade real das faixas longitudinais no traçado, a continuidade virtual dos volumes baixos, o equacionamento do rinck do paddock em feição de rótula(...)Os elementos são conhecidos, sua montagem sugestiva. As barras paralelas predominam, garantindo a continuidade e o alinhamento parcial das edificações frente a espaços abertos de geometria clara. As intervenções pontuais envolvidas por gramado fornecem o contraponto significativo. Não há espaço aberto que pareça residual. Fresnedo deixa claro que o urbanismo moderno não se reduz à cidade no parque da Carta de Atenas e à celebração correspondente da autonomia entre projeto do volume edificado, projeto do espaço aberto e projeto viário.

Chegada

O estudo anterior faz parte de uma compilação maior que está sendo preparada sobre o Hipódromo de Porto Alegre. No entanto, para que tal esforço chegue a bom termo é exigido um entendimento prévio do problema a ser tratado. Esse entendimento jamais seria atingido se não tivéssemos nos debruçado sobre o funcionamento da estrutura de um hipódromo, especialmente sua organização física. Isso pode ser atingido através de práticas da própria disciplina, como o estudo do tipo. O estudo das tipologias pode nos ajudar muito ao fornecer um substrato teórico para o entendimento das soluções adotadas pelos demais profissionais ao longo do tempo

É inegável o valor da interdisciplinaridade na prática da arquitetura, especialmente em se tratando do campo da preservação e documentação do patrimônio. Como qualquer campo do conhecimento, a arquitetura também é limitada, mas não é nula. Não entender o valor de suas

estruturas internas é um erro que frequentemente recorremos, seja exagerando o seu potencial enquanto elemento transformador da vida urbana, seja negando o seu aporte a novas ciências.

BIBLIOGRAFIA:

COMAS, Carlos Eduardo, BOHRER, Glênio; CANEZ, Anna Paula Moura. Arquiteturas cisplatinas : Roman Fresnedo Siri e Eladio Dieste em Porto Alegre. Porto Alegre : UniRitter, 2004. 187 p., il.

MONTANER I MARTORELL, Josep Maria. Despues del movimiento moderno : arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. 2.ed. Barcelona : G. Gili, 1999. 271 p. il.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2008. 529 p.

NOTAS

ⁱ Construídos sempre em terreno plano, alguns hipódromos contam com espaços para a prática de outros esportes equestres, como Cross Country (corridas em terrenos acidentados), pistas para saltos e adestramento, além de campos para a prática de pólo.